

EDUCAÇÃO DO CORPO, CONHECIMENTO, FRONTEIRAS¹

Dr. ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Corpo, Educação e Sociedade
E-mail: alexfvaz@uol.com.br

RESUMO

O presente texto procura elaborar um conjunto de reflexões sobre o conhecimento e sua produção na área de educação física/ciências do esporte. Os argumentos são construídos em torno de um conceito de fronteira, suas implicações e decorrências para o contemporâneo. Do ponto de vista mais estrito, as fronteiras podem significar o impulso de ultrapassagem, mas também a necessidade de se respeitar os limites. Neste sentido, elaboram-se algumas questões referentes aos limites do conhecimento na área de educação física/ciências do esporte. Eles dizem respeito às relações que se estabelecem com outras áreas de conhecimento, mas também se referem às dificuldades internas de circunscrição de um possível objeto de conhecimento ou mesmo da problemática teórica própria. Indica-se, por fim, a possibilidade de a área se constituir como interdisciplinar, principalmente no campo da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; ciências do esporte; fronteiras; epistemologia; sujeito e objeto.

1. O presente texto foi apresentado como conferência na 54ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, dentro da programação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, em 9/7/2002, sob o título *Educação física/ciências do esporte nas fronteiras do conhecimento*. Agradeço ao CBCE e à SBPC o convite e a acolhida. Apesar de um pouco modificada, a redação guarda as características de exposição oral e da circunstância em que foi apresentado o trabalho, que é dedicado, com respeito e admiração, a Hugo Lovisoló.

I. INTRODUÇÃO

Walter Benjamin escreveu, ao mostrar as contradições em que viviam seus contemporâneos dos anos 30 do breve e triste século XX, que o fascismo estetizava a guerra, e que era preciso politizar a arte. Pelo menos parte da minha geração, que fez a graduação em educação física entre o final dos anos de 1980 e o início dos de 1990, foi formada no firme propósito da politização dos conteúdos de ensino. A ela foi ensinado que era preciso combinar competência técnica com compromisso político de transformação da sociedade brasileira. Se tivéssemos que optar por um dos pólos, que ficássemos com o último. Já sabemos, desde pelo menos aqueles animados debates, que a educação tem uma dimensão política, que ela é um ato político, ainda que não destinemos a devida atenção ao fato de que a política também tem uma dimensão pedagógica.

A sociedade brasileira mudou muito de lá para cá, ainda que não na direção em que desejávamos, ou, pelo menos, na dimensão que a urgência colocava em nossas utopias. De qualquer forma, e contra muitas barreiras, muitos de nós continuam apostando na educação e na produção do conhecimento, tanto na área de educação física/ciências do esporte² quanto no conjunto das ciências, artes e tecnologia no Brasil, na busca de um patamar mais autônomo, que tanto nos ajude a viver melhor quanto nos coloque em condições mais favoráveis nos debates e nas negociações da esfera internacional. De minha parte, sigo pensando e apostando na dimensão política da educação, da ciência e da tecnologia – entremescladas ou não com as artes – em suas expressões civilizadoras, que, apesar das várias contradições, ainda nos ajudam a ter esperanças. Considero, no entanto, que, se não fizermos uma análise mais discreta das várias expressões dos fenômenos *educação, política e produção de conhecimento*, embaralhando-os todos nos mesmos discursos, estaremos fazendo apenas reiteraões e beneficiando rituais de pertencimento. É preciso, então, debater as questões de forma que se garanta entre elas o necessário diálogo, mas que não as faça perder especificidade e legitimidade.

Pensar nas relações entre educação física/ciências do esporte e as fronteiras do conhecimento exige que consideremos, ao menos provisoriamente, que fala-

2. Ainda considero a expressão educação física/ciências do esporte mais adequada para designar a área ou o campo do conhecimento a que nos dedicamos. Reconheço que a designação *educação física* é aquela presente tanto no estatuto do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) quanto na classificação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ela designa, com alguma precisão, a intervenção pedagógica, mas não estou seguro de que seja este o caso da atividade de pesquisa.

mos desde uma área ou um campo de conhecimento, uma vez que as fronteiras são expressões de delimitações. De fato, pretendo refletir sobre essas relações em um contexto de alguma incerteza, uma vez que minhas próprias considerações são também fruto de pontos de encontro de educação física/ciências do esporte com muitas fronteiras. Em outras palavras, é das fronteiras que falo, desses lugares algo instigantes, mas também perigosos, onde temos que mostrar nossos documentos, sendo-nos autorizado, por *outros*, a seguir, ou não, em direção ao estrangeiro, ou, então, voltar na direção de nossa própria casa.

No presente texto, pretendo expor observações e comentários sobre o tema da relação entre educação física/ciências do esporte e algumas das possíveis fronteiras com as quais elas se deparam. Inicio minha reflexão levantando alguns dos problemas e das ilusões típicas de um mundo que diz que as fronteiras vão desaparecendo, para que elas possam, no entanto, ser reforçadas, aprofundadas, fechadas. Logo após, comento algumas das fronteiras do próprio conhecimento, circunscritas pelos impasses da razão ocidental e de seus *cativeiros*³. Finalmente, atendo-me a educação física/ciências do esporte, observando os limites ou problemas que se interpõem para que sejam elas consideradas ciências ou mesmo áreas de conhecimento. Esses limites são dados pelas relações com outras áreas disciplinares, mas também pelos imperativos de um possível – às vezes desejado, outras nem tanto – objeto de estudo. Por fim, procuro delimitar – colocar fronteiras! – um campo de possibilidades para recolocar a questão em um outro plano, que talvez exija que a área de conhecimento renuncie à busca de sua plena autonomia. Espero com isso estar contribuindo, no plano geral, para a auto-reflexão da área; mais particularmente, para que o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte prossiga em sua busca de nos ajudar, também no plano institucional, a delimitar melhor nossa relação com a produção de ciência e tecnologia no Brasil.

II. EXERCÍCIOS EM CAMPO FRONTEIRIÇO

Costuma-se dizer que o processo de globalização econômica e cultural tem feito desaparecer as fronteiras, antes bem delimitadas. Aos olhos contemporâneos, parecem não haver sido tão extensos e volumosos quanto hoje, em tempos anteriores, os processos migratórios, de comunicação, de embaralhamento de identidades que formaram novas dimensões nacionais, éticas, culturais. Talvez seja essa uma ilusão, tão típica de quem não viveu outros tempos, e que, portanto, tem

3. Tomo emprestada, com alguma liberdade, a expressão utilizada por Sérgio Paulo Rouanet (1987).

dificuldades de pensar a partir de um ponto de vista deslocado no espaço e no tempo, principalmente em um momento em que eles alteraram radicalmente suas feições: o tempo real talvez tenha hoje algo de ficcional, dado o avanço das tecnologias de comunicação, informação, entretenimento e aplicações financeiras; o espaço, quem sabe, evaporou-se na flexibilização do capital, dominado por uma desterritorialização tal que muda, radicalmente, as relações – que continuam perversas – com o trabalho.

Apenas há alguns séculos, com as grandes navegações do início dos tempos modernos, a idéia de fronteira entrava, para dizer o mínimo, em erupção. Ainda antes, foram várias as configurações políticas que redelimitaram, no Medievo e mesmo na Antiguidade, os mapas da Europa, da Ásia e, certamente, das terras que depois se tornariam americanas.

Se permanecermos no escopo do nosso tempo, não nos passará despercebido que uma das experiências mais marcantes da modernidade, o genocídio tecnologicamente organizado, talvez seja um dos marcos centrais dessa ultrapassagem, dessa violação de fronteiras em todos os planos: populações que movidas pelo terror se deslocam para outras terras; povos que são exterminados pelo não-pertencimento e/ou pela não-adesão aos mais aparelhados belicosamente; grupos inteiros que desaparecem, destruídos por não pertencerem à mitologia da raça que os agride, por serem reconhecidos como *estrangeiros*, *não-familiares*, anti-sujeitos que devem ser exterminados, muitas vezes classificados não apenas como distintos, mas como negativos: que se lembre aqui a comparação de grupos étnicos com animais – esse *outro irracionalizado* em relação ao humano –, qualificativo geralmente destinado aos que desejamos exterminar: ratos, piolhos, baratas, todos os *negativos* em relação a nós, “mais humanos”, “mais limpos”, “mais saudáveis”, mais assépticos e ainda, eventualmente e de forma intercambiável, “mais brancos”, “mais magros”, “mais bonitos”. Por isso a presença da expressão, que é pronunciada quase de forma descuidada em telejornais, mas que denuncia a si mesma, *limpeza étnica*. O breve e sangrento século XX foi marcado pela experiência das migrações, associada com a violenta mutação das fronteiras. O mapa do mundo e as identidades nacionais alteraram-se, repito, violentamente, inúmeras vezes. A própria idéia de Estado Nacional solidifica-se, em seus muitos paradoxos, muito recentemente.

Poderíamos caracterizar o tempo presente como um destruidor de fronteiras?

III. FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO

Aquilo que conhecemos como ciência moderna se desenvolveu no sentido da tentativa de demarcação clara entre o novo e o antigo, entre um conhecimento

humanizado, desencantado, desenfeitado do mundo, e outro divinatório, oracular, mítico, místico, religioso, imaterial. Do desejo de vidência, passa-se ao desejo de evidência, e não é casual a predileção cartesiana pelas idéias claras, planas, geometricamente dispostas, distintas⁴. O desencantamento do mundo não é, no entanto, fruto apenas da modernidade e do Iluminismo em suas vertentes européias e norte-americanas, liberais e socialistas. É um processo imemorial, da idade do próprio humano, gerado no instante fugaz em que o primeiro de nossos antepassados pôde, por meio de seu olhar, dar conseqüência para si mesmo e para o mundo que o circundava, em que pôde nele intervir com astúcia.

Pode-se dizer que a loucura coletiva que hoje vagueia pelo mundo, desde os campos de concentração até às reações aparentemente inofensivas da cultura de massas, já estava presente em germe na objetivação primitiva, desde a primeira vez em que, calculadamente, o homem contemplou o mundo como presa (Horkheimer, 2000, p. 176; 1996, p. 176).

Ao erigir-se como medida das coisas e das almas, a ciência reconhece a idéia de fronteira, mas como seu negativo, uma vez que seu intuito é sempre superar os limites e, no limite, aniquilá-los. A ciência não crê que tudo sabe, mas o cientificismo tenta nos convencer de que, em algum momento, tudo saberá.

Internamente, no entanto, a ciência transformou-se em seu plural, e, algo descontroladamente, diz-se já há algum tempo, "ciências", com inúmeros predicativos: ciências humanas, sociais, naturais, da terra, da vida, tecnológicas, enfim, as opções são muitas, chegando até às ciências do esporte, ou ainda, no trato mercadológico, ciências da administração, da religião, da musculação. Diz-se mesmo que há religiões mais e outras menos científicas.

A ciência também designou, e mesmo nomeou, o que a ela parece negativo e estrangeiro, os limites que se lhe interpõem, o que *não* é científico. Para isso buscou um conjunto de meios que foram tornados fins, uma vez que são eles, como em um feitiço, que dizem o que pode e o que não pode ser considerado científico. Refiro-me, é claro, ao "método científico". Bem se sabe que essa crença tem sido em grande parte relativizada, mas que continua em pé, mesmo que eventualmente apareça um pouco combatida. A ciência segue sendo narcísea, ao procurar garantir-se como medida de todas as coisas. Problemático é que, como em todo o narcisismo, não há, ou não se vê, alteridade.

No sentido oposto, não são poucas as expressões irracionistas contemporâneas, que pretendem, ao criticar o caráter aterrador da ciência e do progresso,

4. Inspiro-me aqui no ensaio de Olgária Matos (1990).

propor o seu fim, a sua denegação. Essas pretensões, eventualmente bem-intencionadas, mas certamente conservadoras, acabam por promover a defesa de toda sorte de obscurantismos, que em nada são capazes de mostrar um núcleo de verdade e de esperança para o bem-viver, mas, pelo contrário, acabam por perpetuar a mistificação e a dominação.

A própria razão, no entanto, preocupa-se, em momentos de sua história, em desdobrar-se sobre si mesma, e com os momentos onde não pode realizar-se. Neste sentido, procura problematizar uma questão-chave, posta desde a caverna platônica, que é a do *cativeiro da razão*: como se libertar dos entraves que a impedem de realizar todo seu potencial? Como sair da caverna? Como chegar às cartesianas idéias claras e distintas de grande parte da modernidade? O cativeiro da razão estaria nas paixões do corpo, como diz Descartes, na falta de coragem para a autonomia, segundo o imperativo categórico Kantiano, nos limites da posição de classe, como no marxismo, ou nas profundezas do inconsciente e nos lapsos da memória, como nos ensina a psicanálise?

Muitas vezes, ao proporem uma saída do cativeiro, os sistemas filosóficos acabaram por re-aprisionar a razão. Assim, as idéias fora da caverna só poderiam ser alcançadas em outra dimensão, além e acima da materialidade, e, certamente, desprovidas das impressões estéticas, uma vez que as expressões da arte seriam as cópias imperfeitas e nefastas de outras cópias, também inexatas, das idéias originais. Só se livrando do corpo, de suas paixões e emoções, ou, pelo menos, suspendendo-as momentaneamente, é que seria possível chegar às idéias claras e distintas. Para os avatares da modernidade, no entanto, o corpo já era um objeto de conhecimento, uma vez que as vísceras não eram mais um veículo para o saber vidente, numa analogia mimética, mas eram, sim, um desencantamento a ser conhecido e admirado: um espetáculo da nascente ciência nos anfiteatros anatômicos. Por outro lado, ao localizar o conhecimento nos seus limites de classe, o marxismo – ou pelo menos uma parte dele – aprisionou a teoria e o pensamento na contingência, porque o circunscreveu à política. Como em Hegel, o marxismo diz que a razão se realiza na história, portanto no fim da pré-história, que é a sociedade de classes. Ao propor tal solução, o marxismo incorre pelo menos em um grande risco: o de *garantir* que em uma sociedade sem classes a razão estaria liberta de seus entraves, encontrando sua plena realização. O risco é ainda maior porque se considera que os instrumentos para a liberdade da razão são aqueles que a levaram ao cativeiro: a ciência, a racionalidade instrumental, a tecnologia, o que o próprio Marx, além de vários de seus seguidores, considerou “o melhor da ciência burguesa”, o “efeito civilizador do capital”. Lembre-se, no entanto, de que não há liberdade, nem realização da razão, sem que haja superação da ordem exploradora em que vivemos.

Kant, por sua vez, não considerou a dialética inscrita na própria razão, tomada como pura e limpa, expressão da magnitude ética daqueles que a portam.

No entanto, se a ciência é a filha predileta da razão ocidental, não é sem espanto – mas com alento – que percebemos uma crítica a ela dirigida, que é realizada nos marcos da própria razão, que pretende, mesmo sem qualquer garantia de sucesso, ser auto-reflexiva. Essa crítica diz que só é possível se dar conta dos intermeios da razão, de suas teias complicadas e contraditórias, por meio dela mesma. Dito de outra forma, a crítica do conceito é realizada por meio do trabalho conceitual. Num movimento para lá de radical, trata-se de procurar, por meio da negatividade, a síntese dialética, para, ao encontrá-la, recusá-la. O trabalho do conceito, admitida sua relativa arbitrariedade, permanece fundamental para que permaneçamos no horizonte da materialidade.

IV. EDUCAÇÃO FÍSICA/CIÊNCIAS DO ESPORTE: FRONTEIRAS POSSÍVEIS

Educação física/ciências do esporte deparam-se, como nunca antes, com essas e outras problemáticas, que se agravam por dois motivos centrais. O primeiro deles diz respeito à compulsão, que ainda temos, por constituir uma ciência autônoma. Note-se que não estou defendendo a extinção da ciência, nem dizendo que não se deva exercê-la em trabalhos que envolvam o corpo e seus movimentos. Ao contrário, penso que, apesar de seu potencial destrutivo, a ciência pode ajudar na construção de uma humanidade mais livre dos obscurantismos que a assaltam. No entanto, uma ciência que não é auto-reflexiva, que não pensa em seus meios como tais, mas que os erige em fins, não nos fará chegar a uma humanização que dispense adjetivos.

Ao contrário do que pretende a compulsão de educação física/ciências do esporte em se tornarem ciências, é o caso de, segundo penso, humildemente, reconhecer-se as fronteiras do conhecimento, para mais livremente podermos transitar por elas, para além delas, mas para que possamos também, se for o caso, recuar ante elas. Refiro-me, por exemplo, à relação com outras áreas do conhecimento, quando então talvez tenhamos que abrir mão de realizar uma pesquisa necessariamente em “educação física/ciências do esporte”, para simplesmente escrever trabalhos que possam estar em uma ou mais matrizes disciplinares.

Importa menos a classificação, e é preciso dizer que o conhecimento não pode ser disciplinado, e que está claro que há sérias dificuldades em se debater dentro de um campo como o nosso, que procura estudar temas muito distantes entre si. Faz sentido, então, a procura de algo que seja comum, de uma delimitação mínima que nos oriente. Entro então em uma segunda problemática, que diz res-

peito, justamente, ao “objeto de estudo” de educação física/ciências do esporte e a algumas de suas implicações.

Educação física/ciências do esporte encontram uma fronteira, quando procuram por um objeto que lhes confira cientificidade, ou mesmo por um objeto que queiram estudar. Se quisermos entender as múltiplas expressões do corpo, inclusive seus movimentos – plenos de significados que cruzam natureza e cultura e que são, portanto, plenos de humanidade –, esbarramos em dois impasses. O primeiro diz que o corpo e seus movimentos, ou, por outra, a *educação do corpo*, possuem tal multivocalidade que é improvável que se consiga estudá-la dentro de apenas uma matriz disciplinar.

Faço aqui um parêntese. Considero instigante a perspectiva indicada por Bracht (2000, p. 61), talvez a mais frutífera no esforço de delimitação teórica da área, quando ele afirma que a *problemática teórica própria* seria “o movimentar-se humano e suas objetivações culturais na perspectiva de sua participação/contribuição para a educação do homem”. A cultura corporal de movimento, diz Bracht, seria circunscrita àquelas manifestações do movimentar-se que não estariam ligadas diretamente ao trabalho. Avançamos muito quando Bracht coloca as coisas em termos de uma problemática teórica própria ou comum, porque então nos debruçaríamos, talvez em pequenas comunidades, sobre as questões que nos interessariam, não necessariamente na mesma matriz disciplinar ou teórica, mas a partir da problemática. Considero esta uma perspectiva que nos abre atrativas possibilidades de diálogo e avanço.

Há dois problemas que se apresentam, no entanto, a partir dessas assertivas. Sem querer fazer simplificações, e dizer que tudo acaba na mesma coisa, parece-me difícil identificar quais seriam as esferas sociais contemporâneas que não se reduzem não apenas ao trabalho, mas ao trabalho alienado; quais as esferas dessa nossa sociedade administrada que não estariam sob o violento jugo da reificação. Por outro lado, há, nos espaços “mais diretamente ligados ao trabalho” nos quais a educação do corpo salta aos olhos, toda uma pedagogia do corpo muito bem delimitada. Tomo um exemplo limítrofe, não só porque a conversa é sobre fronteiras, mas porque o momento culminante mostra um pouco do percurso, além de antecipar o decurso dos fenômenos históricos. O exemplo, que cito sem poder aprofundar, é o dos campos de concentração e extermínio. Não há dúvidas, como ensinam os clássicos sobre o tema, de que há toda uma pedagogia no espaço concentracional, uma pedagogia do corpo que procura reduzi-lo, é certo, a uma corporeidade primária, desprovida de significados, de complexidade⁵. Uma pedagogia,

5. A leitura das reflexões de Jeanne-Marie Gagnebin foi-me, nesse ponto, de grande valia.

no entanto, que ensina a cada corpo o seu lugar, seus possíveis movimentos; uma pedagogia que racionaliza, assim como faz o esporte de alto rendimento, o sofrimento do corpo.

Bracht não predica uma ciência, também, mas não só, porque sabe muito bem que ela não acontece por decreto. A vantagem de se advogar um estatuto de cientificidade é, aliás, auferir capital simbólico em uma sociedade onde ser cientista é gozar de enorme prestígio. Mas é também uma maneira de, quando se quer fazer pesquisa, conseguir estruturas mais favoráveis, seja, novamente, por meio de mais *status* entre os colegas de outras áreas, seja obtendo mais recursos materiais para si e para as pesquisas.

Talvez por ceticismo, continuo pensando que a multivocalidade do corpo e de suas expressões – inclusive seus movimentos e as respectivas estratégias de educação – dificulta a constituição de uma problemática teórica própria. Ou, em contrapartida, corremos o risco de alargar nossas dificuldades, o que talvez, paradoxalmente, não seja tão ruim assim. É nesse campo que se coloca a possibilidade de um “desprendimento” de algumas subáreas ou abordagens investigativas, como a biomecânica, por exemplo, que poderia, talvez, tornar-se ela mesma uma área, com suas várias problemáticas próprias. Não encontrando lugar na física – ciência básica – nem nas engenharias ou educação física/ciências do esporte – áreas de aplicação –, ou, ainda, encontrando lugar em todas elas, poderia autonomizar-se. Não seria novidade, uma vez que processo semelhante aconteceu e acontece com a psicanálise com relação à psicologia.

O apelo à constituição de uma ciência pode ser apenas vontade de poder, algo que se amplia no reforço da auto-estima dos que “fazem” a educação física. O apelo é similar ao da regulamentação da profissão, com o qual tem grande parentesco. Nesse quadro, aproximo-me de Hugo Lovisolo, que cito, de um texto que me parece muito instigante:

Quando não conseguimos dialogar dentro do mosaico que somos, então, criamos uma instância superior e mágica que nos permita dizer: eis aí nosso objetivo, nossa unidade, nosso pertencimento. Na prática, podemos continuar fazendo o mesmo porque o guarda-chuva da ciência da motricidade ou da cinesiologia aparenta uma unidade que não temos e, talvez, nem tenhamos nunca. [...] Propria, então, abandonar os guarda-chuvas pouco protetores, aceitar o mosaico e tentar estabelecer diálogos. A tarefa não será possível enquanto os utilitaristas e mecanicistas pensarem que os normativistas e compreensivistas são delirantes e, estes, que aqueles são meras peças funcionais de um mundo que não entendem (Lovisolo, 1998, p. 20).

Inclino-me a pensar que a unidade não é possível, mas que isso não é um mal. Podemos “querer menos”, e talvez aprender a lidar, no campo da pesquisa,

com instrumentos que nem sempre de antemão dominamos. É também um ônus a ser pago por uma formação que é muito mais do campo da intervenção.

O segundo problema, que o tempo não me permite aprofundar, mas que gostaria de, ao menos, deixar indicado, diz respeito a algumas dificuldades intrínsecas do movimento que estuda o corpo e seus movimentos. Pensar sobre o corpo exige que se considere a separação ancestral entre cultura e natureza, entre uma dimensão corporal e outra que não o seja. Essa separação só pode ser *não-real*, na medida em que se trata de um mesmo sujeito que não pode ser cindido, a não ser prototipicamente⁶. A separação é também, no entanto, real, já que é fundadora de nossa civilização, que a supõe. Mais do que isso, ela é expressão de uma experiência que se atualiza, que é de dor e sofrimento: a redução do corpo a objeto a ser conhecido e dominado. Ora, é esse mesmo o motor do conhecimento, a dor, a tentativa de vencer o terror e a morte que ela antecipa. Todo conhecimento, para que seja digno de assim ser chamado, deve respeitar a dor e estar a serviço de suas causas, não devendo, portanto, ser anestésico.

É preciso trazer o desconforto da dor para o próprio centro do processo epistemológico, porque ela nos dá esperança, talvez porque seja ela a penúltima fronteira. Reconhecê-la e respeitá-la significa aproximar-se dela com cuidado, com atenção, mas com perseverança, sempre lembrando que uma fronteira é um lugar de perigo, que depois da linha de demarcação pode aparecer algo que não conhecemos. Tudo se torna ainda mais complexo quando não podemos enxergar com clareza onde fica exatamente a fronteira, que, no entanto sabemos, está no próprio corpo, em nós mesmos. Melhor então é respeitar os próprios limites e saber que não é possível apagar a fronteira, nem transitar por ela sem muito cuidado.

Diz Theodor W. Adorno, em seu testamento filosófico, que o motor da dialética – que não despreza os “restos” e é intransigente contra qualquer forma de reificação (Adorno, 1997b, p. 26) – é a dor, e é dela que precisamos saber, uma vez que

[...] a consciência infeliz não é nenhuma vaidade cega do espírito, mas lhe é mesmo inerente; a única autêntica dignidade que ele, na separação com o corpo, recebeu. Ela lhe recorda, negativamente, seu componente somático. Apenas por ser capaz disso é que ao espírito é de alguma forma concedida esperança (Adorno, 1997c, p. 203).

Trata-se de dar voz e primazia ao objeto (*Vorrang des objekts*).

Se esse é o motor que impulsiona o conhecimento, e se educação física/ciências do esporte têm que o respeitar, chegamos talvez a uma aporia, mas também a

6. De forma semelhante coloca-se o sujeito com relação ao objeto, e vice-versa, segundo nos ensina Adorno (1997a).

um nicho de esperança: se devemos conhecer e intervir no corpo e em seus movimentos, há que não o reduzir a mera objetividade sem voz, porque então suas dores estariam caladas. Em outras palavras, temos de renunciar, por esse motivo, à pretensão, que ainda nos é tão cara, de construir uma ciência. Em contrapartida, é nessa fronteira, e também nas que nos delimitam com outras áreas de conhecimento, que possivelmente possamos, finalmente, encontrar nosso lugar. Ao não sermos tão pretensiosos, poderemos forjar um diálogo mais tranqüilo e menos autoritário entre os conhecimentos, estabelecendo-nos como um campo interdisciplinar de pesquisa e, quem sabe, até mesmo de intervenção. Além disso, estaremos, ao valorizarmos a primazia do objeto, colocando seus aspectos conceituais em primeiro plano, mas, junto com eles, dimensões éticas e estéticas, que também devem ser; também no mundo acadêmico, expressões humanas de primeira grandeza.

Education of the body, knowledge, bordering

ABSTRACT: This paper intends to elaborate some reflections about the knowledge and its production in physical education/sport sciences. The arguments are built around the concept of border, its implications and consequences for the contemporary. Of the strictest point of view, the boundaries can be the drive to cross them, but also the need to respect the limits. In that sense, are asked some questions about the limits of the knowledge in the physical education/sport sciences. They are concerned the relationships with other knowledge areas, but they also refer to the internal difficulties of to delimitate an object or even an own theoretical problem. It is indicated, finally, the possibility of physical education/sport sciences to constitute itself as interdisciplinary, mainly in the research practice.

KEY-WORDS: Physical education; sport sciences; borders; epistemology; subject and object.

Educación del cuerpo, conocimiento, fronteras

RESUMEN: Este trabajo procura elaborar algunas reflexiones sobre el conocimiento y su producción en la educación física/ciencias del deporte. Los argumentos se construyen alrededor del concepto de frontera, sus implicaciones y consecuencias para el contemporáneo. Del punto de vista más estricto, los límites pueden ser una invitación para cruzarlos, pero también la necesidad de respetarlos. En este sentido, se proponen algunas preguntas sobre los límites del conocimiento en la educación física/ciencias del deporte. Ellas preguntan por las relaciones con otras áreas de conocimiento, pero también se refieren a las dificultades interiores de delimitación de un objeto o incluso un problema teórico propio. Se indica, finalmente, la posibilidad de educación física / ciencias del deporte constituirse como campo interdisciplinario, especialmente en la práctica de la investigación.

PALABRAS CLAVES: Educación física; ciencias del deporte; fronteras; epistemología; sujeto y objeto.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Zu Subjekt und Objekt. *Gesammelte Schriften*, 10-2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997a. p. 741-758.
- _____. Kulturkritik und Gesellschaft. *Gesammelte Schriften*, 10-1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997b. p. 11-30.
- _____. Negative Dialektik. *Gesammelte Schriften*, 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997c. p. 7-412.
- BRACHT, Valter. Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 1, p. 53-63, set. 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Após Auschwitz. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (Org.). *As luzes da arte: colóquio internacional de filosofia estética da FAFICH-UFMG*. Belo Horizonte: Ópera Prima, 1999. p. 81-111.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse of Reason*. New York: Continuum, 1996. 191p.
- _____. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000. 187p.
- LOVISOLO, Hugo. Pós-graduações e educação física: paradoxos, tensões e diálogos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 20, n. 1, p. 11-21, set. 1998.
- MATOS, Olgária. Desejo de evidência, desejo de vidência: Walter Benjamin. In: NOVAES, Aduino (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 283-305.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *A razão cativa – as ilusões da consciência: de Platão a Freud*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 316p.

Recebido: 15 set. 2002

Aprovado: 30 set. 2002

Endereço para correspondência
Alexandre Fernandez Vaz
Departamento de Metodologia de Ensino –
Centro de Ciências da Educação –
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário – Trindade
Caixa Postal 476
Florianópolis – SC
CEP 88040-900